

## PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA HANSENÍASE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO ENTRE OS ANOS DE 2019 E 2024

Tatiane da Conceição Valença Franco<sup>1</sup>

Andryelli Aires de Moraes<sup>2</sup>

Rhanna da Silva Lima<sup>3</sup>

Suzana Moraes Massi Goytacazes de Araújo<sup>3</sup>

Renata Aparecida Fontes<sup>4</sup>

profa.andryelli@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

**PALAVRAS-CHAVE:** hanseníase; enfermagem; manejo; diagnóstico; COVID-19.

### 1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma enfermidade infectocontagiosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*, descrita como um bacilo álcool-ácido resistente, parasita intracelular com predileção pela célula de Schwann e pela pele. Considera-se o homem como o único reservatório natural do bacilo e fonte de transmissão, que ocorre predominantemente pelas vias respiratórias (Jesus *et al.*, 2023). O Brasil mantém-se na lista dos 23 países prioritários para o controle da doença, ocupando o primeiro lugar das Américas, contribuindo com 93% dos casos novos registrados em 2018, com prevalência de 1,48 casos por 10 mil habitantes (Lopes *et al.*, 2021). Apesar do diagnóstico ser clínico, é fundamental que os profissionais de saúde possuam conhecimento, habilidades e experiência para que possam manejar os casos desde o momento da suspeição ao diagnóstico, que devem ser realizados de modo prioritário no contexto da Atenção Primária à Saúde (Amaral *et al.*, 2023). Destaca-se que a enfermagem está diretamente envolvida nas ações de monitoramentos periódicos da hanseníase, na prevenção, acompanhamento do paciente, tratamento da patologia, gestão de atividades de controle, sistemas de registro e vigilância de contatos periódicos (Olini; Silva; Weiss, 2023). A pandemia do coronavírus agravou a situação de diversas doenças infecciosas e crônicas no espectro assistencial dos serviços de saúde. Além disso, ainda são escassas as informações a respeito de como a Covid-19 pode acometer indivíduos com doenças infecciosas, as dificuldades impostas pela pandemia parecem ter agravado ainda mais a invisibilidade de pessoas com doenças negligenciadas, tais como a hanseníase (Pernambuco *et al.*, 2022). Por tanto, objetiva-se descrever a ocorrência da hanseníase entre os anos de 2019 e 2024, destacando o papel do enfermeiro no diagnóstico precoce e no manejo da hanseníase.

---

<sup>1</sup> Acadêmica de enfermagem – Faculdade Vértix Trirriense - Univértix

<sup>2</sup> Bacharel em enfermagem pela Universidade Severino Sombra. Especialista em atenção à saúde da Família pela UERJ. Especialista em Gestão do SUS pela Fiocruz. Mestre em enfermagem pela UERJ - Docente da Faculdade Vértix Trirriense - Univértix, Três Rios.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Europeia do Atlântico. Pós graduada em Cuidados Intensivos Adulto e NeoNatal, pela Universidade Redentor (2012). Graduada em Enfermagem pela Universidade Castelo Branco, em 2011 - Docente da Faculdade Vértix trirriense – Univértix

<sup>4</sup> Farmacêutica Bioquímica Analista Clínica, Mestre em Ciências Farmacêutica, Professora do Centro Universitário Vértice – Univértix – Matipó.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter descritivo e utiliza uma abordagem quantitativa. O estudo descritivo visa apresentar e detalhar uma determinada realidade, permitindo identificar aspectos sociodemográficos, epidemiológicos, problemáticas e outras variáveis relevantes, bem como possíveis relações entre elas (Sampaio, 2022). Enquanto a pesquisa quantitativa pretende e permite a determinação de indicadores representativos e objetivos, permitindo o acesso e divulgação de valiosas informações sobre os sujeitos e populações (Mussi *et al.*, 2019). Será avaliado o perfil epidemiológico da hanseníase no estado do Rio de Janeiro, localizado na região Sudeste do Brasil. O estado, cuja capital é Rio de Janeiro possui uma área de 43.750,425 km<sup>2</sup> com uma população estimada em 16.055.174 habitantes, contendo 92 municípios, próximo aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (IBGE, 2024). Serão avaliadas notificações de casos de hanseníase no estado do Rio de Janeiro - Brasil, disponibilizados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/hanswrj.def>) no período de 2019 a 2024. As variáveis investigadas serão: total de casos no período e por ano, sexo, escolaridade, faixa etária, grau de incapacidade e esquema terapêutico. Por se tratar de um levantamento situacional com dados de domínio público de acesso irrestrito, foi dispensado à submissão do presente trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, como preconizado na Resolução 510/2016/CNS/MS (Brasil, 2016). A pesquisa se compromete a evitar conflitos de interesse, falsificação, descuido na coleta e análise de dados, bem como manipulação de resultados. Os dados são verídicos e a pesquisa cumpre todas as exigências legislativas e regulamentares.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados da revisão de literatura evidenciam que a hanseníase permanece como um importante desafio para a saúde pública brasileira, principalmente em razão da sua transmissão silenciosa, evolução lenta e elevada capacidade de causar incapacidades físicas e sociais (Lopes *et al.*, 2021). Apesar dos avanços no diagnóstico e tratamento com a poliquimioterapia, o Brasil ainda ocupa a segunda posição mundial em número de casos, o que reforça seu status de doença negligenciada (Bif *et al.*, 2024). Observou-se também que a pandemia de COVID-19 comprometeu significativamente as ações de vigilância, diagnóstico e acompanhamento, reduzindo o número de notificações e resultando em maior proporção de casos multibacilares, evidenciando o diagnóstico tardio e a manutenção da cadeia de transmissão (Monteiro *et al.*, 2024; Butala *et al.*, 2024). Nesse cenário, destaca-se o papel estratégico do enfermeiro, que atua desde a identificação precoce de casos até a condução do tratamento e implementação de ações educativas voltadas à adesão terapêutica, prevenção de incapacidades e redução do estigma social (Brantes *et al.*, 2025). Assim, a literatura analisada aponta que o fortalecimento das políticas de controle da hanseníase, aliado ao protagonismo da enfermagem na linha de frente do cuidado, constitui medida fundamental para superar os desafios persistentes na eliminação da doença no Brasil.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os dados estejam em processamento, destaca-se a relevância de estudos epidemiológicos sobre a hanseníase no estado do Rio de Janeiro, considerando a magnitude da doença no Brasil. Ressalta-se o papel essencial da enfermagem no diagnóstico precoce, manejo clínico e acompanhamento dos pacientes, especialmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde. Trata-se de uma pesquisa em andamento, cujos resultados parciais derivam do levantamento bibliográfico realizado para aprofundamento do tema. Assim, somente após a conclusão da investigação será possível elaborar um parecer consistente sobre a incidência dos casos de hanseníase no estado do Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, V. F.; LINHARES, M. S. C.; PONTE, H. M. S.; DIAS, L. J. L. F.; ARRUDA, L. P. Fatores atrelados ao diagnóstico tardio em pessoas com hanseníase na atenção primária à saúde (aps): uma revisão integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 1845–1859, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-016. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9711>. Acesso em: 12 set. 2025.

BIF, S. M.; BRAGA, B. W.; VIANA, J. C.; SILVÉRIO, Z. E. P. T.; AZZALIN, M. B.; MENDES, T. K. F. S.; GODOY, A. M. P.; MAINA, A. D. A.; JOCHEN, P. D. F. Hanseníase no Brasil: desafios e avanços na prevenção, diagnóstico e tratamento. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 418–437, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n1p418-437. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1153>. Acesso em: 10 set. 2025.

BRANTES, B. L. V.; OLIVEIRA, K. G.; ALVES, L. J. L.; RODRIGUES, T. F. S. Manejo clínico de casos suspeitos de hanseníase pelo enfermeiro. **Revista Multidisciplinar**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 1–23, 2025. Disponível em: <https://portalunifipmoc.emnuvens.com.br/rm/article/view/151>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da saúde. Boletim epidemiológico: hanseníase. Boletim epidemiológico, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.sbd.org.br/mm/cms/2020/12/23/boletim-hansenia-se-2020-web.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2025

BUTALA, C. B.; CAVE, R. N. R.; FYFE, J.; COLEMAN, P. G.; YANG, G. J.; WELBURN, S. C. Impacto da COVID-19 nas doenças tropicais negligenciadas: uma revisão de escopo. **Doenças Infecciosas da Pobreza**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 55, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s40249-024-01223-2>. Acesso em: 21 jun. 2025

DIAS, S. M.; CARRIJO, M. V. N.; CIOFFI, A. C. S. Conhecimento, Atitude E Prática De Enfermeiros Acerca Da Prevenção E Tratamento Da Hanseníase Na Atenção Primária. **Revista Expressão Católica Saúde**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 5–15, 2024. DOI: 10.25191/recs.v9i1.663. Disponível em: <https://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recs/article/view/663>. Acesso em: 12 set. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Brasil / Rio de Janeiro / Três Rios: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/tres-rios.html>. Acesso em: 06 abr. 2025.

JESUS I. L. R.; MONTAGNER M. I.; MONTAGNER M. Â.; ALVES S. M. C.; DELDUQUE M. C. Hanseníase e vulnerabilidade: uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.] v. 28, n. 1, p. 143–154, jan. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CmLqBCKP6rZjBFd79dgd8SR/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LOPES, F. C.; RAMOS, A.C.V.; PASCOAL, L. M.; SANTOS, F. S.; ROLIM, I. L. T.; SERRA, M. A. A. O.; SANTOS, L. H.; SANTOS NETO, M. Hanseníase no contexto da Estratégia Saúde da Família em cenário endêmico do Maranhão: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 26, n. 5, p. 1805–1816, maio 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Lpq9CSrNX6swGxWFMtxNDk/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MONTEIRO N. P. S. R.; MONTEIRO N. P. S. R.; MAIA L. L. S.; MENDES C. M. M. Tendências epidemiológicas da hanseníase no Piauí: impacto da pandemia da COVID-19 (2019-2023). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l.], v. 24, n. 8, p. e17991, 17 ago. 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/17991>. Acesso em: 22 jun. 2025.

OLINI, S. C.; SILVA, Y. R. L.; WEISS, T. A importância da assistência de enfermagem no diagnóstico e tratamento da hanseníase na atenção básica. **Medicus**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 26-36, 2023. Disponível em: <https://cognitionis.inf.br/index.php/medicus/article/view/237>. Acesso em: 18 mar. 2025.

PERNAMBUCO, M. L.; RUELA, G. A.; SANTOS, I. N.; BOMFIM, R. F.; HIKICHI, S. E.; LIRA, J. L. M.; BARROS, E. A. S.; MORAIS, C. S.; PAGNOSSA, J. Hanseníase no Brasil: ainda mais negligenciada em tempos de pandemia do COVID–19?. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 5, n. 1, p. 2-18, 31 mar. 2022. Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/548>. Acesso em: 12 set. 2025.

SANTOS I. L. P.; ABREU FILHO F. A.; PINHO J. B. F.; CAVALCANTI L. S. R.; CRUZ NETO P. R.; CARVALHOB. A.; BRITO G. B. S.; MENDES C. M. M.; MARTINS L. M. S.; NOGUEIRA L. T. Estudo das formas clínicas da hanseníase em humanos: Brasil, Piauí e Teresina de 2013 a 2022. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l.], v. 24, n. 9, p. e16197, set. 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/16197>. Acesso em: 09 mai. 2025.

SANTOS, K. C. B.; CORRÊA, R. G. C. F.; ROLIM, I. L. T. P.; PASCOAL, L. M.; FERREIRA, A. G. N. Estratégias de controle e vigilância de contatos de hanseníase: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 43, n. 121, p. 576–591, 2019.

*Anais do FAVE – Fórum Acadêmico da Faculdade Vértix Trirriense - Univértix, Três Rios, outubro, 2025.*

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/vCns7tfySyNG5MkC4kbJxnb/>. Acesso em: 11 mai. 2025.